

Filosofia e educação em práticas poéticas desobedientes no *obedienceno*

Philosophy and education in disobedient
poetic practices in *obedienceno*

Filosofía y educación en prácticas
poéticas desobedientes en la
obediencia.

Leonardo Marques Kussler¹

Carmen Lúcia Capra²

1 Doutor em Filosofia pela UNISINOS (2018) e pós-doutor pela mesma instituição (2019-2020). Pesquisador visitante PDCTR FAPEPI/CNPq na UFPI (2019-2021). Pós-doutorando no PPGED da Uergs (2022 --). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8889240429908043> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8876-8211> E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

2 Mestre e doutora em Educação (PPGEDU-UFRGS), Professora e pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) na Graduação em Artes Visuais: licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7109666867033767> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0185-7634> E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br

RESUMO

Este artigo discute o conceito de [des]obediência a partir da relação da filosofia e da educação em práticas poéticas desobedientes em cursos de graduação em Artes. O objetivo é tratar da possibilidade de se propor um modo mais performático de se discutir e praticar filosofia a partir de abordagens artísticas que podem ser encaradas como transgressoras a fim de escapar da sociedade de controle sutil contemporânea a partir de *presenças de corpos e práticas comuns*. Na primeira seção do texto, mostramos como o conceito de [des]obediência aparece em diferentes autores(as), mostramos a relação de abordagens filosóficas e poéticas acerca das formas de vida desobedientes e expomos como a arte contemporânea oferece subsídios para tal. Já na segunda seção, propomos uma análise imagética crítica e descritiva de registros em foto de atividades de extensão promovidas em uma universidade, conectando-as à noção de ensino transgressor e apresentando modos de pôr em prática formas de vida desobedientes via atividades especulativas e poéticas que convergem à formação de comuns.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia e Educação; Sociedade de Controle; Práticas Poéticas Desobedientes; [Des]obediência; Educação Transgressora.

ABSTRACT

This article discusses the concept of [dis]obedience based on the relationship between philosophy and education in disobedient poetic practices in undergraduate Arts courses. The objective is to deal with the possibility of proposing a more performative way of discussing and practicing philosophy based on artistic approaches that can be seen as transgressors in order to escape the society of contemporary subtle control based on the *presence of bodies and common practices*. In the first section of the text, we show how the concept of [dis]obedience appears in different authors, we show the relationship of philosophical and poetic approaches to disobedient forms of life and we expose how contemporary art offers subsidies for this. In the second section, we propose a critical and descriptive imagery analysis of photo records of extension activities promoted at a university, connecting them to the notion of transgressive teaching and presenting ways of putting disobedient forms of life into practice through speculative and poetic activities that converge to the formation of commons.

KEY-WORDS

Philosophy and Education; Control Society; Disobedient Poetic Practices; [Dis]obedience; Transgressive Education.

RESUMEN

Este artículo discute el concepto de [des]obediencia a partir de la relación entre filosofía y educación en prácticas poéticas desobedientes en cursos de pregrado en Artes. El objetivo es abordar la posibilidad de proponer una forma más performativa de discutir y practicar la filosofía basada en enfoques artísticos que pueden ser vistos como transgresores para escapar del control sutil de la sociedad contemporánea basado en la *presencia de cuerpos y prácticas comunes*. En la primera sección del texto, mostramos cómo el concepto de [des]obediencia aparece en diferentes autores, mostramos la relación entre los enfoques filosóficos y poéticos de las *formas de vida desobedientes* y exponemos cómo el arte contemporáneo ofrece apoyo a esto. En la segunda sección, proponemos un análisis crítico y descriptivo de imágenes de registros fotográficos de actividades de extensión promovidas en una universidad, conectándolos con la noción de enseñanza transgresora y presentando formas de poner en práctica formas de vida desobedientes a través de actividades especulativas y poéticas que convergen a la formación de bienes comunes.

PALABRAS-CLAVE

Filosofía y Educación; Sociedad de Control; Prácticas Poéticas Desobedientes; [Des]Obediencia; Educación Transgresora.

Introdução

No presente artigo, propomos uma discussão crítica e dialógica do conceito de [des]obediência na atual conjuntura sociopolítica e econômica, que se caracteriza pelo controle sutil das vidas das pessoas. Para tal, organizamos a discussão em dois momentos: 1) a relação da filosofia, da arte e das formas de vida desobedientes no ambiente tecnocrático; e 2) a descrição e a reflexão crítica a partir de seis imagens que ilustram 5 atividades de extensão realizadas em unidades da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

Na primeira parte, exploramos os modos de vida possíveis no que convencionamos chamar de *obedienceno*, isto é, a era da obediência tecnológica, com algoritmos, mineração de dados e rastreamento do modo de vida das pessoas. Sublinhamos alguns estudos acerca da *sociedade disciplinar* e a *sociedade de controle*, mostrando como, atualmente, os horizontes da biopolítica encontram-se muito arraigados no ser/fazer de boa parte mundo contemporâneo. Posteriormente, tentamos explorar a ideia de *resistência ou contraconduta* aos modos de controle para se pensar em *modos de vida desobedientes*, que podem nos ajudar não apenas a identificar os ditames do controle digital contemporâneo, mas formas de compor potências por meio de um *filosofar po[i]ético*, aliando arte e filosofia e *colocando corpos em aliança*. Por fim, traçamos um panorama geral sobre alguns modos de se fazer *arte contemporânea* e apostamos em um modo de *fazer filosofia* de modo performático como uma das possíveis formas de viver e resistir enquanto *artistas existenciais*, na busca por um ensino e uma prática filosófica-artística da inoperância, das desacelerações que questionam o produtivismo próprio do capitalismo neoliberal contemporâneo.

Na segunda parte, trazemos quem nos lê a uma análise descritiva e crítica de atividades já promovidas em unidades da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Partindo de seis (6) imagens de registros dessas atividades de extensão — bordado na rua, performance de café, hai-kais improváveis na rua, intervenções urbanas com etiquetas e uma sessão de RPG —, tentamos costurar a discussão do *ensino transgressor* a partir de textos de bell hooks, que apontam para práticas de ensino que se concentram na *formação de comunidades*, com engajamento, o que dialoga com a discussão de Marina Garcés, para quem a *vida em comum* é condição para a própria vida humana, pois ao *corporificar as palavras*, dizemos o que somos ou queremos viver. Posteriormente, trazemos o referencial de Hans-Georg Gadamer, que entende que o processo de compreensão se institui em conjunto com o *outro*, em um tipo de *fusão de pontos de vista* em que passamos a *ser-com* o saber de alguém. Por fim, tentamos construir a noção de que formas de resistência e/ou desobediências podem se consolidar em pequenas ações que *desaceleram* nossas vidas e nos permitem *entrar em jogo* com a forma de vida que gostaríamos de tentar construir.

Filosofia, arte e formas de vida desobedientes na sociedade de controle sutil

Pensar sobre a [des]obediência é tratar de uma problemática da atualidade. Pensar sobre as *formas de vida poéticas e desobedientes em uma sociedade tecnocrata* é refletir e agir para criar contracondutas e resistências aos modos de controle cada vez mais sutis e omnidirecionais pelos quais somos tragados. Como vivemos em um mundo globalizado e entrelaçado pela mediação tecnológica digital, as redes sociais e os algoritmos que mineram muitos dados de nosso comportamento e modo de ser no mundo, este texto serve de convite para que as pessoas se dediquem a pensar com mais cuidado, preocupação e atenção acerca da própria vida, visto que acreditamos ser possível resistir de alguma forma à lógica tecnocrata de controle sutil — aqui, chamado de *obedienceno*, isto é, a era da obediência — a partir de uma filosofia mais identificada com poéticas descolonizantes, presente enquanto *forma de vida filosófica* na contemporaneidade, e não mero discurso acadêmico, distante das pessoas. Como usar da desobediência para resistir a tais modos de controle tecnocráticos que operam via valores do capitalismo neoliberal contemporâneo?

Assim como sugere Gros (2018), comecemos pelo termo obediência. Obediência é algo que pode ser rastreado ao menos até ὑπακοή [hypako], literalmente indicando alguém que está *abaixo/submisso ao que é ouvido* (um comando). Podemos pensar também na deusa grega πειθαρχία [peitharchía], que poderia indicar a ideia de obediência ao comando, mas também está relacionada a πείθομαι [peíthomai], verbo obedecer (Liddell; Scott, 1996). Uma das principais autoras que trabalha extensivamente sobre o assunto é Hannah Arendt, que abordou várias questões a respeito da *desobediência civil*, especialmente centradas na percepção de que moralidade e legalidade devem ser tomadas como coisas diferentes. De acordo com Arendt (1972, p. 74), a desobediência civil, por exemplo, ocorre quando “[...] os canais normais de mudança não funcionam mais, e as queixas não serão ouvidas ou atendidas ou [...] o governo está prestes a mudar, embarcando e persistindo em modos de ação cuja legalidade e constitucionalidade são amplamente dubitáveis”, portanto, é o resultado da ineficiência institucional, despertando pessoas voluntárias associadas a um *desejo revolucionário de mudar a realidade*.

Uma bela imagem de [des]obediência pode ser vista em *They Live*, de 1988, de John Carpenter, um filme que mostra os EUA distópicos cuja classe econômica dominante é composta por alienígenas escondendo sua aparência e manipulando as pessoas para que gastem seu dinheiro e aceitem o *status quo* por meio de mensagens subliminares em canais de rádio e TV. As coisas começam a mudar quando John Nada, um pobre e desempregado que tenta perseguir o sonho americano, encontra membros de uma milícia revolucionária que lhe dão uns óculos de sol que lhe permite ver a verdade em preto e branco, interrompendo mensagens falsas nos jornais, televisão e outdoors. Vê-se, aqui, uma abordagem interessante que parte da 7ª Arte para produzir reflexões filosóficas, sociológicas e do âmago do ser humano, visto que o presente

artigo compreende que a filosofia não precisa se basear única e exclusivamente em *conceitos-livro*, mas pode lançar mão de *conceitos-imagem* para realizar reflexões *logopáticas* (Cabrera, 2007). Aliás, a arte permite propor performances filosóficas para escapar da sociedade de controle sutil contemporânea.

Voltando ao ponto de vista acadêmico, um dos trabalhos mais marcantes sobre *obediência à autoridade* é o livro homônimo de Milgram (1974), no qual o autor deixa claro que os humanos são propensos a seguir uma autoridade minimamente estabelecida em posição de dar ordens, já que a obediência é algo que conduz a ação individual à atitude política, sejam quais forem as ordens ou quem estiver por trás delas. Como se pode notar, a conclusão de Milgram se aproxima muito do que Arendt (1999) chamou de *banalidade do mal* ao analisar a tentativa dos membros do comitê jurídico em caracterizar um burocrata que tinha senso de dever e obedecia cegamente às ordens de seu trabalho, sem implicações éticas, como uma espécie de monstro.

Outro grande pesquisador da [des]obediência é, sem sombra de dúvida, Foucault. Desde seus primeiros livros, o autor lidou com as ideias de poder, autoridade, obediência, punição e modos de controlar os corpos individuais. Ao descrever o *modus operandi* das prisões, Foucault (1999) também explica a *sociedade disciplinar*, responsável pela instituição de mecanismos de poder, analisando como a sociedade moderna, ao lado do desenvolvimento do capitalismo, dividiu os *trabalhadores dóceis/obedientes* em lugares, espaços, blocos, para que não pudessem formar grupos e se comunicar. Do ponto de vista econômico, é fácil ver que essa ideia de isolar e localizar corpos humanos, criando distâncias e espaços específicos entre as pessoas, pode ser traçada desde o lugar ocupado em uma linha de produção, em que cada indivíduo tem um lugar certo para estar dependendo do papel desempenhado e a posição na hierarquia vertical da empresa. Assim, a função de *controle social* foi retirada do corpo e transferida para o capital, que acumulou poder para agrupar as pessoas de forma funcional e segundo a lógica do controle de produção e distribuição (Mészáros, 2015). Portanto, é possível perceber que há uma correlação entre a necessidade de criar pessoas obedientes e produtivas pelo menos desde o estabelecimento do Estado moderno, uma vez que temos essa noção de autoridade e níveis de importância retratados nos locais de trabalho, além do senso de obrigação de ser *produtivo*.

Num livro póstumo recentemente publicado, Foucault (2018) retoma a ideia de um corpo que experiencia a vida em que a *carne humana* é capaz de realizar o conhecimento e possibilitar a transformação do modo ou a forma de vida de alguém, suprimindo o mal e manifestando a verdade. Nesse sentido, é o corpo humano — cheio de vontades e desejos — que passa por uma série de provações para ser aceito como portador de um comportamento útil e modo de existir no mundo. Para Marcuse (2007), a *mediação estética* do ser humano passa por um fortalecimento do aspecto sensorial em contraposição à *tiranía da razão*, libertando a existência humana da repressão racionalizada. Assim, exercer a desobediência existencial dialoga com a fruição da fantasia, do belo e do feio que transcendem a realidade e a realização economicamente conformada nela e por ela, visto que a arte também abrange um

potencial revolucionário. Ao analisar o nascimento da *biopolítica*, Foucault (2008a) aponta novamente para o fato de o [neo]liberalismo estar diretamente implicado na forma como os governos conduzem sua arte de governar, em que o mercado atua como uma dimensão para construir a verdade, controlando ainda mais sutilmente vidas humanas usando estatísticas e dados objetivos, considerando a população como um monte de *números*. Aqui, o autor trata da noção de racionalidade governamental em escala global, pressupondo o capitalismo dentro desse alcance.

Essa discussão foi possibilitada a partir a trajetória anterior de Foucault (2008b), na qual o autor propôs reflexões sobre a própria ideia de *biopoder* como algo relacionado ao controle da vida de *populações*, que pode ser entendido simplesmente como um número, destituído de subjetividade e longe da definição mais simples de *pessoa humana*. Essa forma mais racional de controlar os corpos das pessoas (mentes e almas), chamada *governamentalidade*, é algo referente a este projeto, pois propõe não apenas o aspecto de comandar alguém, mas, também, a criação de *resistência ou contraconduta* — algo sempre presente nas relações de poder, especialmente aquelas na tensão instituição-indivíduo. Isso nos leva a uma das principais questões aqui: *como podemos viver para recusar essa racionalidade e verdade governamental?* Poderíamos repensar na proposta de Rancière (2005), que identifica a ação política no indivíduo que rejeita o tempo e espaço que deveria ocupar, reconfigurando, assim, a partilha do comum em uma dada comunidade? Poderíamos fazê-lo atualizando as práticas greco-romanas de *si*, trazidas por Foucault (2006), a fim de construir uma forma de vida desobediente *com coragem para expressar a verdade* diante do poder estabelecido (Foucault, 2010)?

Considerando que a conduta de um cidadão está sendo constantemente atingida e orientada por critérios econômicos, já que vivemos na era do *homo economicus*, o próprio governo deve atuar de acordo com o arcabouço econômico, o que significa que não pode atuar em demasia. Nesse sentido, o antigo poder soberano recebeu restrições em suas ações antes absolutas devido a essa conformação do poder do Estado no âmbito da política de *laissez-faire* promovida pelo liberalismo econômico, em que o mercado [magicamente] se regularia, mas sempre seguindo o desejo de um grupo restrito de pessoas. A governamentalidade compõe-se enquanto conjunto de instâncias para adaptar o exercício do poder à economia e não à lei, criando intervenções governamentais mais sutis na medida em que deixa claro que o indivíduo, que é empresário de si mesmo — algo próprio do nosso tempo —, é produzido como alguém livre, rodeado por dispositivos de segurança. Assim, governar é conduzir alguém, em particular, para o seu comportamento e modo de ser, o que explica um pouco os princípios de moral e ideologias sustentadas pela agenda econômica, subjugando a vida sob o pretexto de um mercado livre que traria liberdade por si.

Há grandes empresas de tecnologia que se constroem extraindo valor da vida das pessoas — sobre o que discutiremos mais adiante. Isso nos faz lembrar de Deleuze (1992) falando da *sociedade de controle*, destacando que já estávamos além da noção de confinamento e marchando em direção à formação e ao controle contínuos — a era da especialização —, comunicação instantânea e uma sociedade controlada

por computadores trabalhando para promover os valores do capitalismo. Mas como é possível evitar essa realidade? Deleuze propõe que devemos ser *delinquentes*, resistir de alguma forma, muito semelhante à ideia foucaultiana de *contraconduta*. Isso me faz lembrar de um grafite que vi em um muro da minha cidade que dizia que *o sistema é vândalo*, o que nos faz pensar na possibilidade de agir na discordância porque as normas seriam consideradas erradas ou pelo menos inválidas. Para Deleuze (1992), o controle está relacionado à própria ideia de comunicação, portanto uma forma de enfrentamento que seria encontrar estratégias para criar *vacúolos de não comunicação*, disjuntores, por assim dizer, para contornar a natureza da comunicação também corrompida pelo dinheiro. A resposta, para ele, estaria no conceito de criação como uma *arte* [τέχνη = téchnē] realizada por pessoas, liberando uma *potência* [δυναμῖς = dynamis] vital por resistir ao controle, por ser desobediente. Nesse sentido, a criação pode ser entendida como uma *arte da vida*, de forma que podemos pensar em *produzir* [ποίησις = poíēsis] algo para provocar ou questionar o *modus operandi* de uma instituição, por exemplo.

Ainda sobre o tema das tecnologias de comunicação, que podemos entender como *formas mais sutis de controlar as pessoas* se concordarmos com a tese defendida por Zuboff (2019), que argumenta que vivemos um *capitalismo de vigilância* em que o *big brother* — o aparato tecnológico e tecnocrático das grandes empresas que aglutina informação e modifica o comportamento humano — utiliza algoritmos e redes sociais alimentados pelos conteúdos que geramos existentes nessas plataformas. Mas como podemos criar uma lacuna e ter a permissão de existir, trabalhar, ganhar dinheiro fora dessa condição que permeia até mesmo a vida acadêmica, com redes sociais classificando quem pesquisa e suas publicações? Há décadas, Marcuse (1969) falou dos problemas relacionados a uma sociedade que se concentra no poder econômico e político e usa a tecnologia como forma de dominação, bloqueando tudo o que está fora de sintonia. Portanto, apesar da crença de que existe um *ambiente de pura liberdade* nas redes sociais, há uma forma de *repressão* em jogo que obscureceu a lógica de censura de conteúdo e desequilíbrio de poder envolvidos. Pensemos: quem tende a ter mais seguidores e cria mais conteúdo monetizado, senão celebridades relacionadas a grandes empresas que gastam muito em publicidade? Em um estudo recente, pesquisadores do MIT mostraram que as notícias falsas (*fake news*) são favorecidas pelos algoritmos, pois são mais escandalosas e têm mais chances de *viralizar*, diferentemente das notícias verdadeiras, que tendem a não polarizar e não engajar tantos cliques, likes e compartilhamentos (Vosoughi; Roy; Aral, 2018). Outro aspecto impressionante neste tema é o uso de algoritmos de avaliação de risco para julgar semiautomaticamente as pessoas e avaliar a reincidência na área penal, o que pode levar a um grande problema quando alguém se questiona sobre os valores das pessoas que trabalham para criar este sistema, que sempre será repleto de pré-conceitos e vieses socioeconômicos, como apontou Van Eijk (2020), deixando de lado a importância do entendimento crítico nesse processo.

Se pensarmos de acordo com Gadamer (1999), nosso próprio *modo de compreender* — nós mesmos, as outras pessoas e as coisas — é sempre permeado

por valores culturais, históricos, sociais, econômicos e filosóficos, que são *pré-julgamentos* [Vorurteile] que condicionam nosso ser no mundo. Como sempre partimos de uma *tradição*, de um *condicionamento histórico*, somos marcados por determinados elementos culturais, morais, sociais, econômicos. Essa *consciência histórica* pode ter duas ramificações diferentes: 1) impedir que se veja o mundo a partir de novas experiências, visto que a repetição de um comportamento dogmático não permite mudanças e a aceitação do diferente; e 2) possibilitar que, de forma crítica, percebamos lacunas em nosso *horizonte existencial* para que possamos compreender de forma mais ampla tudo, incluindo o *outro*, nas diferentes *formas de habitar e coexistir no mundo* (George, 2020; Rohden; Kussler, 2021; Schmidt, 2012).

De certo modo, trata-se de tornar a filosofia mais poética, no sentido de não apenas *utilizá-la* como linguagem/meio para explicitar algo, mas de permitir que ela manifeste/propicie ser *experienciada/fruída* como uma obra de arte (Gadamer, 1998). Por que a Filosofia não pode sair dos limites do campus e ser vivenciada e praticada de outras formas que não as textuais? O próprio Gadamer (1999) defende amplamente que podemos produzir análise crítica, especulação filosófica e argumentação para *dizer o real e mostrar a verdade* por meio da arte, Vattimo (1992), responsável pela tradução italiana de *Verdade e Método*, em uma perspectiva benjaminiana e adorniana, também advertiu sobre a necessidade de a filosofia não se esquecer do papel político da arte e da estética no contexto dos *mass media*, da pluralização cultural e das formas de ser livre na contemporaneidade. Filosofar com performances, com ativismos artístico-políticos, com instalações, fotografias e intervenções urbanas é uma maneira de ampliar as formas de comunicação e ação da Filosofia com e no mundo.

Outro autor importante citado quando se pensa em [des]obediência é Agamben (2004), ao propor suas teses sobre o constante *Estado de exceção* em que vivemos como sociedade global, permitindo aos governos instituir políticas totalitárias, eliminar adversários políticos e impedir toda uma categoria de cidadãos seja integrada ao sistema político. Como a *exceção* é uma espécie de suspensão do Estado de direito, contemporaneamente, não tem limites para seu alcance, criando um imaginário de necessidade, um inimigo comum, e um apelo à vigilância digital, que não pede aceitação para cumprir seu propósito em o nome da segurança social que prevalece sobre a liberdade individual. É curioso que Agamben (2019) publique também um livro sobre *criação e anarquia*, em que a criação pode ser considerada como uma forma de contraposição aos dispositivos e mecanismos de poder, segurança e controle pautados na biopolítica. A arte poderia ser tida como *dever público* [λειτουργία = leitourgía] e *performance*, portanto a própria *ação artística* é uma obra de arte — algo entre *πράξις* (práxis) e *ποίησις* (poiēsis). Por isso nosso foco em elencar estudos e práticas que dialoguem de forma mais próxima da arte, e não exclusivamente por relatos teóricos de autores que, via de regra, encontram-se lastreados no paradigma moderno da arte.

Isso remete à ideia da *estética da existência* nietzschiana adotada por Foucault (1985) para defender a ideia de quem busca a própria *autotransformação*, *um modo*

de vida notável e mostrável que pode se fazer presente à luz do dia, diferente do modo de vida nua, que é aquele dispensável, desprotegido, indesejado e não aprovado, incapaz de mudança (Agamben, 2002). Assim, podemos pensar na possibilidade de defender a *noção de tradição* no trabalho de preservação de elementos do passado — como a arquitetura regional e histórica —, mas com abertura crítica ao *que vem*, o diferente que ora se apresenta, fugindo da hostilidade identificada nos projetos atuais (Kussler, 2021). Ciente de que a arte contemporânea inclui elementos para além da experimentação de materiais e das escolas de cubismo, expressionismo e outras tradições afins, uma Filosofia da Arte ou uma Estética atual necessita não apenas conhecer a arte contemporânea — com instalações, performances, *happenings*, *ready-mades*, intervenções urbanas, videoarte, *internet art* etc. —, mas dialogar de um modo mais próximo e fazer uso de sua linguagem para expressar temas, problemas e verdades caras à Filosofia com um viés mais à la Hélio Oiticica ou Cildo Meireles, que teciam críticas artísticas, sociais, políticas, filosóficas e econômicas por meio da arte (Alberro; Buchmann, 2006; Basbaum, 2001).

Se tomarmos a *performance* como uma ação do corpo que se apresenta ao vivo para o público, o que, segundo Graves-Smith e Chilvers (2009), se caracteriza como uma transformação. É irrepetível e não é *arte baseada em objetos*, no sentido de que o próprio artista é a *ferramenta da arte e a obra de arte*, cujo corpo é o meio de expressão e tem o *fim em si mesmo*, não em um produto externo criado. Portanto, é possível pensar no uso político disso em protestos e manifestações, que são atos existenciais que impactam as pessoas e podem fazer com que elas se identifiquem no processo e pensem as questões sociais, por exemplo. Foge-se, aqui, de parte da problemática do paradigma da arte compreendida apenas em sua expressão de *produto da indústria cultural*, que reduz a arte ao lucro e a manutenção do pensamento das classes dominantes (Adorno; Horkheimer, 1985).

Além disso, a arte contemporânea abre espaços para abordar temas sociais muito relevantes, como questões étnicas, teoria *queer*, feminismo, corpos paradoxais, o papel do autor e da obra no mundo, a forma e o conteúdo da própria arte, a feiura e a beleza expressas na arte, a arte conceitual, a descentralização dos espaços artísticos, a baixa e alta cultura, arte popular, processos digitais, ativismo etc. (Jones, 2006). Isso se deve, em parte, pela abrangência da linguagem da arte, que é mais ampla e universal que a linguagem filosófica, facilitando para que temas de interesse popular ganhem manchetes, apareçam na discussão pública, incomodem determinados valores que representam o *status quo* (Alberro; Buchmann, 2006; Stalabrass, 2006). Contudo, também tem a ver com o fato de, especialmente a partir dos *ecos de Duchamp* — que ressonam das primeiras décadas do séc. XX em movimentos artísticos intensificados a partir dos anos 60 —, a arte fortalece seu processo de *transfiguração do lugar-comum*, acabando com noções do formalismo da arte clássica e moderna e introduzindo o cotidiano problematizado enquanto manifestação artística (Danto, 2005).

Ser um *artista existencial*, por assim dizer, é ter o poder de fazer ou não fazer algo, de ser ou não ser de uma determinada maneira; é a condição de estar entre a potência e a impotência e estar à mercê da própria impotência, uma contradição

viva cujas dúvidas se expressam no próprio gesto (Weber, 2000). Podemos dizer que *performers existenciais* são cheios de dúvida e questionadores, pois a segurança traz a falta de oportunidade de ter uma atitude crítica e política, promovendo o que Butler (2018, 2021), inspirada em Arendt, chama de *ética da não violência*, que não é uma ação apática, pois requer um compromisso com a igualdade social radical, combinando aspectos da ética e da alteridade com uma ideia de *corpos em aliança e coabitação* que podem ocupar espaços públicos e expor certas condições e aspectos da vida humana geralmente invisíveis à sociedade. É por isso que o presente projeto almeja sustentar um tipo de Filosofia que produza uma forma de *habitação filosófica* que seja uma *filosofia performática*, no sentido de se aliar mais à linguagem e às práticas artísticas para abordar e tentar transpor as subjetivações sofridas pelo contexto tecnocrata contemporâneo.

Voltando ao ponto das *formas de habitar*, outro autor interessante para se tratar do tema da *ocupação de espaços* e da realização humana no mundo é Heidegger (2012a), quando este se refere às formas de construir e habitar o mundo a partir da linguagem, promovendo, assim, a realização humana nos níveis individual e social, em uma que preza pelo *deixar ser*, a expressão originária de cada um. Essa ideia retoma argumentos anteriores, como, por exemplo, a noção de que somos *entes que vivemos em meio a outros entes (animados e inanimados)*, apresentada em *Ser e Tempo*, o que engloba a importância que *artefatos criados* têm em nossas vidas e propicia boa parte da discussão da Filosofia da Técnica/Tecnologia e do design do séc. XX em diante (Heidegger, 2012b). Ainda a propósito da arte, que pode ser compreendida a partir do conceito de τέχνη [téchnē], vale ressaltar rapidamente a reflexão de Heidegger (2012c), em meados dos anos 50, que atestava a técnica como *desvelamento de controle/apreensão da realidade*, pois o modo de ser da técnica enxerga as coisas como *reservas a serem exploradas*, podendo ser parcialmente evitado pelo caráter de ποιήσις [poiēsis] da arte, isto é, o aspecto po[i]ético, produtivo e criativo da cultura. Não é à toa que Heidegger (2004) refugia sua filosofia na obra de arte quando está na fase dos *caminhos do pensar em errância da circularidade entre artista, obra e arte*, elementos que expressam a Φύσις [phýsis] humana que *aparece e se mostra na inutilidade da obra de arte*, isto é, de algo que foge do contexto de produto cultural a ser consumido ou usado.

No que tange ao controle tecnocrático, podemos relacionar o que Žižek (2013) fala de *violência simbólica*, uma forma de se opor à brutalidade e aos modos institucionais de controle da sociedade, suspendendo o domínio do poder em uma espécie de *ingenuidade subversiva*. Isso ajudaria a contornar o bloqueio impulsionado pela economia praticado por empresas de redes sociais para promover certas narrativas, visões políticas ou comportamentos de consumo desejados, por exemplo. Talvez essas ações poderiam ser uma forma de criar vazios comunicacionais, nos quais o agir se expressa por meio do corpo e mostra algo sem redes sociais e palavras, podendo ser exploradas em oficinas artísticas, projetos de extensão, performances socio-filosóficas, entre outras atividades possíveis.

Dentro da possibilidade de realizar atividades que façam sentido para a comunidade extra-acadêmica, podemos incluir a temática emancipadora e crítica adotada por Dussel (2020), que enfatiza os estudos pós-coloniais e/ou de[s]coloniais como modos de fuga dos moldes da sistemática capitalista e neoliberal contemporâneas, cujo foco é promover *modos de vida descolonizantes* do ponto de vista geopolítico, mas, especialmente, cultural a partir de um viés que reconhece e edifica a América Latina em sua inteireza. Outro autor latino-americano que dialoga com a noção de criação e *projeção para geração de autonomia* é Escobar (2018), que propõe maior diálogo entre Filosofia, Estética, Design por meio do caráter projetual considerando o pluriverso ou os *mundos outros* também partindo de uma perspectiva latino-americana. Tais referenciais podem auxiliar na empreitada de propor *formas de vida desobedientes* e conscientes dos fatores socioculturais que nos dizem respeito enquanto sujeitos latino-americanos e capazes de *práticas mais críticas de projetar* (Kussler; Lorenz, 2018).

Sobre essa ideia de suspensão do poder, podemos abordar a perspectiva do vazio e do *não dito* presente nele. Como Deleuze (1992) propõe a solução para escapar do controle por meio da evasão do meio de comunicação contemporâneo, pode-se propor a *performance filosófica* como uma espécie de *política da inoperância*, a contemplação que *acolhe o otium* oposição ao *negotium*, que tende a apresentar pensamento e ação de forma acrítica. Então, a questão que se coloca é: como podemos ser inúteis aos modos de controle da sociedade e ainda transformar nossas vidas em uma obra de arte? Em outras palavras, o objetivo é encontrar uma maneira de ser inútil para as formas de poder e ser considerado uma chave-inglesa dentro das engrenagens da máquina.

No que se refere à [des]obediência, podemos considerar que, para instituições e grupos sociais, a ordem costuma ser tomada como fundamento ou princípio para que as coisas funcionem bem. Consequentemente, as instituições são criadas para apresentar ordens/comandos, mesmo que não sejam obedecidos. O foco, como podemos perceber, geralmente está no ato de poder dar comandos, mesmo quando vazios, mesmo quando funcionando apenas *pro forma*, já que essa capacidade é o que torna possíveis instituições ao redor do mundo, e sua ruína é derivada da falta disso. Bourdieu (2004) fez questão de questionar por que as pessoas obedecem a comandos. Ele propôs que pensássemos em *campos* (educacionais, econômicos, políticos), grupos sociais nos quais a luta pelo *poder simbólico* se desenvolve. Na arte, na moda, na literatura e na ciência, a luta simbólica decide o que é clássico ou popular, bom ou mau gosto, certo ou errado. A partir dos elementos vitoriosos, forma-se o *habitus* — do grego ἦθος [éthos] — e o código de aceitação social. Segundo Bourdieu (2004), o modo de ser é construído ao longo da vida dos indivíduos, que incorporam uma determinada estrutura social que influencia o que sentir, pensar e agir. No mesmo caminho, Adorno e Horkheimer (1985) abordam a questão expondo como a ideologia opera para perpetuar a ordem existente, às vezes legitimada por uma narrativa racional e lógica que tende à adesão, à obediência e à hegemonia das condições adequadas e presentes. Isso ocorre porque a ordem também tende a dar uma sensação de segurança, fazendo com que as pessoas se sintam partícipes, pertencentes e bem-vindas em uma determinada comunidade.

Por fim, para resumir a presente seção, podemos dizer que pensar sobre [des]obediência na sociedade de hoje é contemplar como as pessoas podem resistir às novas formas crescentes de controle. Partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade entrelaçada e que conforma o modo como as pessoas existem no mundo por meio de dados coletados pelo uso diário de mídias sociais que alimentam grandes centros de dados, o presente artigo é um convite para que as pessoas em geral reflitam sobre a própria vida e busquem modos de subverter a lógica tecnocrata a partir de uma filosofia poética e desobediente. Como agir desobedientemente para resistir a essas formas de controle tecnológicos e tecnocráticos que atuam sob a ótica dos interesses capitalistas neoliberais da contemporaneidade? Como podemos nos transformar por meio de uma *performance filosófico-política viva*, transformando nosso modo de vida por meios que transcendam os escritos filosóficos tradicionais?

Experimentos de extensões desobedientes no ensino de Artes Visuais: desacelerações em comum

Na seção anterior, traçamos um amplo panorama teórico-artístico-filosófico acerca do conceito de [des]obediência a ser traduzido em propostas e práticas de ensino, pesquisa e extensão de Filosofia e[m] Artes. Nesta segunda parte, o objetivo é descrever e refletir a partir de ações de extensão que consideramos transgressoras, críticas e que enfatizam a *presença dos corpos em aliança e a promoção comunal* já realizadas na universidade na qual atuamos, trazendo algumas pistas, alguns fracassos e muitos questionamentos a partir das atividades promovidas em unidades da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A ideia é *dar corpo* às teorias anteriormente abordadas, materializando conceitos em práticas visto que, mais do que aplicar os discursos teóricos, temos interesse em *mudanças na forma de vida* de quem delas participa. Juntamente às descrições e dos relatos de experiência, traremos excertos das discussões de autores como bell hooks, Hans-Georg Gadamer e Byung-Chul Han. A fim de evocar as ações, trazemos algumas imagens — que também *dizem* além de representar, como há tempos ensina Samain (2012) — de registros de atividades para facilitar o situar de quem nos lê e *dizer as coisas com imagens*, pois, como diz um ditado regional do nosso estado: *tem vezes que a palavra capengueia*.

Uma das autoras mais interessantes dos últimos tempos — no que tange aos estudos educacionais que fogem das práticas ordinárias — e ajuda a atualizar discussões próprias de seu tempo realizadas por Freire (1992, 1993) é bell hooks. Em sua obra mais celebrada no Brasil, *Ensinando a transgredir*, a autora relata algumas experiências pessoais e, a partir delas, constitui seu arcabouço teórico acerca das *práticas educativas bancárias* que tendem a formar pessoas conservadoras, reacionárias e acríicas com o intuito de pensar e praticar o que ela chama de *educação transgressora*, que não resume o conhecimento à informação, mas o relaciona com o *modo de ser-no-mundo*. Como ressalta hooks (2013, p. 13-14), “Na faculdade,

reforçou-se a principal lição: tínhamos de aprender a obedecer a autoridade [...]. Eu queria me tornar uma pensadora crítica. Mas essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade". Isso ressalta a relação direta do ensino e seu papel tradicionalmente conformador, disciplinar e de formação à obediência, que retoma nossa discussão da primeira seção deste artigo. Contudo, a autora trata de mostrar que uma das formas de se sobrepor tal *sombra da obediência* é por meio de uma *construção de entusiasmo*, que pode perturbar a *atmosfera de seriedade* normalmente buscada no processo de aprendizado, tanto no ensino básico quanto superior: "Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão" (hooks, 2013, p. 17).

O prazer de ensinar é também um ato de resistência, uma contraconduta, uma transgressão à norma posta, que é a da obediência ao ensino bancário apático e sem engajamento sociopolítico. Para a autora, uma das principais tarefas do processo de ensino-aprendizagem é *reconhecer outras presenças e formar comunidades pedagógicas*, pois a comunidade é concebida, aqui, enquanto um coletivo que gera entusiasmo (hooks, 2013). Assim, *o ensino é um ato teatral* e até diríamos que é um ato performático, mais amplo e diferente de um engajamento para com uma plateia, uma vez que *ensinar em comunidades* exige o compromisso de que "[...] precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela" (hooks, 2013, p. 22). Isso converge com as *exigências do ensinar* contempladas por Freire (1996), que incluem a consciência do acabamento, criticidade (sobre o que se sabe e sobre as próprias práticas), aceitação do novo, respeito à autonomia de pessoas educandas, esperança[r], compromisso, generosidade e *querer bem às pessoas educandas*.

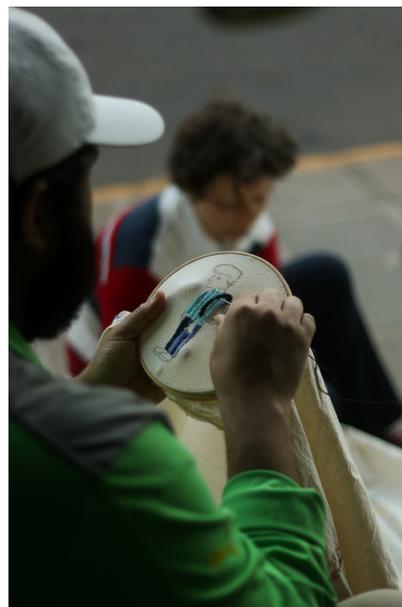


Fig. 1 e 2. Bordado na rua e Detalhe de bordado. Fonte: Arcevo do pesquisador; foto Mayara Lima

Nas Figuras 1 e 2, trazemos registros realizados em uma atividade de extensão realizada na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) que busca unir,

congregar e horizontalizar pessoas há mais de quatro (4) anos. A prática do bordado na rua, com membros da comunidade acadêmica e transeuntes que perpassam na calçada da universidade — ou em alguma praça de alguma das cidades onde bordamos — compõe com elementos do ensinar e do aprender para além dos ditames do prédio institucional. Nessa atividade, tem gente que *estaciona seu corpo* para ver o que estão fazendo, outras que falam alguma palavra que é registrada de alguma forma no pano, e tem aquelas que puxam um banquinho e escrevem alguma palavra e, se desejarem, bordam a sua criação ou a de outrem. Enquanto um pássaro canta, um sino badala e passa uma moto com barulho de estouros em seu escapamento aberto, forma-se uma *sala de aula comunitária*, que é cheia de potencialidades, de virtualidades, de *fazer coisas* e *coisas a fazer*. Essa sala na rua configura-se enquanto espaço de pertença, assunção de diferenças e conexão com territórios que transcendem a formação estritamente acadêmica, buscando humanização no sentido mais amplo do termo, que permite a promoção de *comunidades educativas* e de *resistência* (hooks, 2021). Ainda que sejam provisórias as comunidades que se formam com transeuntes, o grupo que sustenta o bordado também sustenta a possibilidade de comunizar a cada vez que se estabelece na calçada.

Nosso momento histórico-existencial exige atividades que permitam esperar, acolher, mutualizar entre seres iguais e diferentes, opostos e dispostos. Dentro e fora do ambiente formal da instituição escolar, universitária, formal ou informal, além de tentar gerar emancipação, visão crítica e consciência de classe, é preciso criar vínculos, laços, parcerias, apoiando a vida em seus diferentes modos. Sem a busca por construir uma *comunidade amorosa*, acabamos por omitir ou reforçar a lógica de competitividade, de individualismo e, como afirma Esposito (2004), de imunidade recíproca, negando subjetividades, aprofundando a lógica de que estudantes são adversários. Como afirma (Capra, 2023), as formas de relação com a arte também se modificam antes e depois de uma graduação, causando um tipo de *desencaixe*, visto que antes de ingressar em um curso de Graduação em Artes Visuais, por exemplo, a arte não requer anuência de autores, chancelas europeizadas ou verdades culturais empoderadas. Por que não reunir e compartilhar o que estudantes trazem em suas capacidades e habilidades prévias, formando *laços comuns* com docentes, pesquisadores(as) e voluntários(as), evitando usar estratégias próprias de cursos formais, que acabam por distanciar, separar ou ignorar tais pontos de contato?

Como afirma hooks (2021), as pessoas em processo de aprendizagem, em qualquer nível de ensino que seja, tendem a serem ensinadas a agir como inimigos, adversários, oponentes que precisam ganhar um prêmio por serem mais inteligentes e, conseqüentemente, capazes de instituir e exercer poder sobre os demais. Por isso que atividades como as que trazemos, aqui, talvez sejam um lampejo de tentativas de *aprender a viver e fazer em comunidade*, que pode ser visto como um ato de resistência, de desobediência ao *status quo*, de inoperância de um sistema. Como afirma Garcés (2013, p. 29, tradução nossa), “vida em comum” é algo muito mais básico: o conjunto de relações tanto materiais como simbólicas que tornam possível uma vida humana”. Isso tem relação com o que diz Ingold (2020) acerca da educação,

entendendo-a como uma *prática de desarmamento* em que se *busca o desejado* como uma *saudade feita em responsabilidade com os outros*, pois a educação é uma forma de *cuidado*.

Nas Figuras 3 e 4 (abaixo), dando continuidade às práticas desenvolvidas nos projetos de extensão aqui apresentados, o uso do corpo é preponderante, visto que se trata de um tipo de *performance filosófica*, em que a presença física/material é o fator de encontro entre diferentes pessoas, fortalecendo vínculos, o aspecto comunitário e repensando a atitude de *servir algo a alguém*. Na Figura 3 há uma performance de passar *um café com calma* — que desafia a ansiedade de quem espera e o revés de se ingerir cafeína —, o que remete a um *ritual do café*, inspirado na prática do *ritual do chá japonês*, em que a união de pessoas se dá no entorno da água quente, do chá a ser infundido e do ato de servir aos participantes para que desfrutem daquele momento simples, mas cheio de dedicação, afetos e concentração meditada no presente. Já na Figura 4, a atividade, em conjunto com os bordados desenvolvidos e descritos acima, propõe captar palavras do meio, das pessoas, das sensações locais, como uma espécie de *hai-kai descompromissado*, tendo o nanquim como veículo para expressar em palavras que colocam a corporeidade de quem escreve, o sentimento de quem está ali presente. De acordo com Garcés (2013, p. 67, tradução nossa), “Pôr o corpo em nossas palavras significa dizer o que somos capazes de viver ou, inversamente, nos tornar capazes de dizer o que verdadeiramente queremos viver”. Nesse sentido, a presença material de pessoas permite o contato, uma temporalidade própria, uma conjuntura sociopolítica que é comunal, além de servir, como se viu na primeira seção do presente texto, como resistência à sociedade de controle sutil e seus algoritmos.



Fig. 3 e 4. *Performance do café e Nanquim na rua*. Fonte: vídeo de Mariane Rotter, acervo pessoal.

Para Gadamer (1985), a arte opera nos níveis de *jogo, símbolo e festa*, e, aqui, o simbólico é fundamental, pois remonta a uma prática de reconhecimento do outro por

meio de um artefato: um anfitrião dá ao seu hóspede um caco de cerâmica quebrada ao meio que poderá ser reconectado no reencontro de tais pessoas ou seus sucessores em eventos futuros pelo puro *coincidir dos pedaços em um todo*. O elemento da festa se consolida pela *representação da coletividade*, pois, para o autor *uma festa é sempre para todos* (Gadamer, 1985, p. 61). Obviamente, a festa/celebração não impede o *isolamento do outro*, que pode decidir pela recusa ou pelo isolamento. Contudo, vale lembrar que a festa é *onde se celebra*, é o momento e o espaço em que *não se produz*, o que nos permite afirmar que o trabalho tem a característica de *dividir/separar*, enquanto que a festa remete a repouso, descanso, lazer, pausa.

Na festa também se representam coisas, como costumes, pois, assim como na experiência da arte, há um tipo de *solenidade* um *aspecto cerimonial* que *une*, pois “Comemoramos [...] nos reunindo para algo. Não é apenas o estar junto, mas antes a intenção, que une todos e impede-lhes de dispensarem-se em conversas isoladas ou desunirem-se em vivências paralelas” (Gadamer, 1985, p. 63). Como bem explica Garcés (2013, p. 114, tradução nossa), “Um mundo comum não é uma comunidade transparente, não implica a fusão do espectador em uma coletividade de presenças sem sombra. Há [um] mundo comum onde o que não posso ver envolve a presença do outro ao que não posso possuir”, e esse mundo é repleto de coisas que garantem nosso encontro. Gadamer (1999), na esteira de Garcés, trata da noção de *fusão de horizontes* [Horizontverschmelzung], que não é uma subsunção do outro ao ponto de vista ou à visão de mundo do eu, mas uma mistura de consciências, um jogo dialético-dialógico que permite o crescimento e a adaptação de ambas as partes em prol da criação de um comum. Parece haver também uma certa influência do conceito de *ser-com* [Mitsein] de Heidegger (2012b) quando Garcés (2013, p. 119, tradução nossa) afirma que “Todo ser-com-outro deve pressupor um ser-para-outro, um momento de exterioridade, conflito, encontro e reconhecimento”, de modo que nossa experiência é sempre uma impressão subjetiva e provisória da consciência de si em confronto com o outro.

Por fim, mas não menos importante, a dimensão lúdica, de *jogo*, presente na arte se sustenta pelo tempo, o espaço e as regras que todo jogo estabelece. Não adentramos em um espaço-tempo simbólico e ontologicamente diferentes quando experienciamos [obras de] arte? Há um quê *ritualístico* no que tange ao espaço e tempo do jogo, e isso toca diretamente no cerne do que apresentamos aqui, isto é, práticas disruptivas, dissidentes, desobedientes e que *articulam comuns*. Como afirma Han (2020), os rituais são também *ações simbólicas*, visto que transmitem e representam valores e ordens para manter a coesão de uma *comunidade*, pois instauram um *habitar* e transformam o *estar-no-mundo* em um *estar-em-casa*. Quanto estamos em estado de jogo, na temporalidade que não é a da produtividade e no espaço em que regras diferentes das do convívio social cotidiano podem ser sobrepostas, compõem-se *formas de habitar, modos de ser* que permitem o *demorar-se em algo*, dando estabilidade à própria vida.

Assim como as coisas estabilizam a vida, também o fazem os rituais, especialmente por sua capacidade de *mesmidade* e *repetição*, pois trazem uma

noção de *durabilidade* que permite fugir da sociedade de controle que prima pela produtividade, que é própria de nossos tempos atuais que promovem o descarte, a obsolescência programada, as relações líquidas/gasosas (Han, 2020). O ritual permite que as coisas sejam *usadas* e não *consumidas*, de modo que não há necessidade de se produzir mais; as coisas produzidas pela lógica do ritual *duram*. Em tempos de relações digitais, em que séries são *maratonadas* — tradução do *binge-watching*, a prática de assistir uma série inteira em um dia —, constrói-se uma percepção *extensiva*, que é rasa, enquanto se omite a percepção *intensiva*, própria do simbólico; a comunicação digital é extensiva, pois não cria *relações*, apenas estabelece *conexões* (Han, 2020). A estabilidade ou harmonização dos rituais são possíveis por conta do elemento de *repetição* presente neles, visto que isso ajuda a diferenciar a rotina, o cotidiano, justamente pela capacidade de gerar intensidade, gerando uma *comunidade de ressonância* que é capaz de um *ritmo comum* (Han, 2020).

O ritual pode ser compreendido enquanto um processo de *incorporação e encenação corpórea*, e nisso encontram-se os ordenamentos e valores de uma dada comunidade, que são assimilados corporalmente, pois os rituais geram um *saber e uma memória corporificados*; a comunidade carece de uma dimensão corporal, e a digitalização da vida enfraquece o vínculo comunitário, pois tende a ser descorporizante (Han, 2020).



Fig. 5 e 6. *Intervenção urbana e partida de RPG.* Fonte: Acervo pessoal.

Na Figura 5, há uma pequena intervenção urbana em uma placa de advertência que sinaliza a travessia de pedestres nas proximidades — que, vale ressaltar, não afeta em nada na visibilidade e utilização da placa, visto que a etiqueta é preta e

tem cerca de 3 cm, podendo ser vista apenas a uma distância mínima. Uma tag ou etiqueta feita com etiquetadora manual, com letras levemente desalinhadas, uma letra mais forte que a outra, traz uma palavra de ordem: desobedecer. É interessante notar como o ato de incorporar tal elemento à placa sinalização, em si, pode ser considerada uma desobediência ou até contravenção, o que torna a prática uma *desobediência performativa* — tanto do ponto de vista de ser uma *performance artística*, mas também no sentido da *teoria performativa dos atos de fala*, visto que a etiqueta simboliza e instaura um ato metalinguístico de desobediência. A ideia de fazer a atividade pela cidade, caminhando e fazendo a colagem em sinalizações em pontos de ônibus, placas de sinalização e afins permite que se faça a discussão dos termos usados — desobedecer, desacelerar, sem anistia, #fcknzs, pensar e agir etc. — fora da sala de aula, do museu de artes, junto à comunidade, promovendo um tipo de *pedagogia desobediente* que se estabelece enquanto *ética de construção de vida por meio da prática artística* (Atkinson, 2018).

Por fim, na Figura 6, trazemos alguns dados poliédricos usados na prática realizada em uma turma da disciplina de *Metodologia e Prática de Ensino em Artes Visuais II*, na *Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)*, com um jogo narrativo, o RPG (*role-playing game*). Como já mostrado em um estudo anterior (Kussler, 2017), os jogos narrativos podem servir de mediação para se falar de um tema delicado, para realizar uma espécie de *psicodrama teatral* ou simplesmente inserir um aluno com TEA em uma fantasia medieval em que um feiticeiro atrapalhado encontra um gato falante que faz esculturas com sachês de comida felina. Na prática realizada com a turma, foi proposto que cada estudante faria uma ficha de personagem com poucas informações — nome de jogador(a), nome de personagem, vantagem e desvantagem — para que interagissem em uma pequena história narrativa que tentava abordar o tema da inserção de jovens artistas no mercado de trabalho. Por meio da contação da história, dos dados jogados para tirar a sorte em determinadas atitudes tomadas durante o jogo, o grupo tentou montar uma estratégia para tentar convencer um *marchand* para que considerasse incluir suas obras de arte na galeria em que este trabalhava. Por se tratar de um jogo, cada personagem tinha vantagens e desvantagens — diferentes daquelas que os (as) jogadores (as) têm no *mundo real* — que os forçavam a agir em grupo, a montar estratégias comuns e dialogar constantemente para sair de determinadas situações no *mundo ficcional*. Foi possível estabelecer alguns vínculos, corresponsabilidade, trabalho em equipe e desenvolver habilidades e objetivos previstos no componente curricular, mas de uma forma lúdica, com criticidade e promovendo uma contraconduta em relação ao que seria uma aula mais tradicional em uma universidade, em um curso de Artes Visuais.

Ao fim, gostaríamos de acrescentar que, no empenho de descrever e especular a partir de ações de extensão consideradas transgressoras e críticas, nas quais a presença dos corpos, promoção do comum e as manualidades se destacam, buscamos trazer alguns elementos à guisa de respostas, mas também novos questionamentos acerca da possibilidade de se pensar práticas de ensino desobedientes que podem aliar Filosofia e Artes. Na busca do comum, como tentamos mostrar, há necessariamente

uma tentativa de hierarquias de temas, processos, pessoas e/ou áreas do saber, de modo que o fator curricular é posto em xeque. Entre uma linha bordada, uma frase escrita ao nanquim, uma xícara de café performática, uma mesa de RPG e uma intervenção urbana com etiquetadora há espaços para *fazeres em comum*.

Considerações finais

A [des]obediência talvez seja um dos temas mais importantes da contemporaneidade, tanto porque vivemos em uma sociedade cada vez mais controladora quanto porque, junto às formas repressivas, sempre há formas de resistência e de contracondutas. Neste artigo, nosso objetivo foi abordar em que medida o conceito de [des]obediência é discutido na filosofia e de que modo é explorado por meio da arte, a fim de intensificar o diálogo entre as duas áreas e propor *formas de vida desobedientes* para desviar dos modos de controle sutil do *obedienceno*.

Na primeira seção do texto, discutimos um pouco acerca de como a sociedade tecnocrata da atualidade é capaz de abarcar grandes porções da vida humana, controlando e rastreando a vida humana por meio de algoritmos e mineração de dados em redes sociais e diferentes aplicativos que usamos cotidianamente. O ponto é mostrar como a [des]obediência dialoga com as discussões sobre a *sociedade de controle* e em que medida poderíamos pensar e resistir minimamente a tais avanços por meio de *modos de vida desobedientes* que aliam a filosofia a um *fazer poético do comum*. Para isso, traçamos a discussão a partir de autores como Michel Foucault, Hannah Arendt, Gilles Deleuze, Shoshana Zuboff, Hans-Georg Gadamer, Enrique Dussel e Marina Garcés, colocando em diálogo diferentes abordagens do conceito de obediência, da noção de controle e das possíveis formas de escapar de tal situação por meio de práticas de inoperância, desacelerações e críticas à lógica da produção a partir da dimensão dos rituais.

Na segunda seção, a metodologia empregada é de descrição e análise conceitual de imagens que ilustram algumas atividades realizadas em unidades da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A partir dessas ações de extensão — que julgamos ser transgressoras do ponto de vista pedagógico na Filosofia e nas Artes Visuais —, buscamos explicar em que medida tais atividades feitas presencialmente, em conjunto com outras pessoas, poderiam operar enquanto *contracondutas* da sociedade de controle digital. A justificativa se baseia na hipótese de que práticas que buscam o *ser-com*, o *comum* e a *presença de corpos*, sem amparo de mediação tecnológica digital direta, podem auxiliar na promoção de *formas de vida desobedientes*, que tentamos caracterizar no âmbito da inoperância, da performance de criticidade filosófico-poética. Autores(as) que acompanharam essa seção incluem Byung-Chul Han, Hans-Georg Gadamer, bell hooks, Paulo Freire, Marina Garcés e Tim Ingold, que ajudaram no diálogo entre ensino e desobediência, vida comunitária e o

uso dos corpos na construção de formas de vida de resistência, de criticidade e de não alienação e/ou deixar-se controlar pela lógica do controle sutil.

Pensar com alguém é *fazer-com*, é *ser-com* este alguém e seu modo de ser e pensar, de modo que encontros com corpos dissidentes e diferenças existenciais possibilitam a instituição de *formas de vida outras*. As práticas aqui descritas são apenas tentativas e promover *ações desaceleradoras* em nossas vidas, permitindo que consigamos ressignificar, fugaz e de modo intercalado, o jogo que move nossas vidas e as regras que a elas se impõem. Entender a desobediência é compreender a postura especulativa e crítica, que não se deixa levar por valores pré-determinados e/ou pré-juízos acerca de como se deve *ser-no-mundo*. Por fim, pensar essa desobediência por meio de práticas educacionais é injetar, a um só tempo, pitadas de engajamento, esperança e emancipação no processo de formação, ensino e aprendizagem contemporâneo sem ter que ceder plenamente às operações de controle que buscam embotar as *verdades existenciais críticas e transitórias* que almejamos ser e construir.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, G. **Creation and anarchy**: the work of art and the religion of capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

ALBERRO, A.; BUCHMANN, S. (Eds.). **Art after conceptual art**. Cambridge; Vienna: The MIT Press; Generali Foundation, 2006.

ARENDT, H. Civil disobedience. In: _____. **Crises of the Republic**. San Diego: Harcourt Brace & Co., 1972. p. 49-102.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ATKINSON, D. **Art, disobedience, and ethics**: the adventure of pedagogy. Cham: Springer International Publishing, 2018.

BASBAUM, R. **Arte contemporânea brasileira**: texturas, dicções, ficções estratégicas. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **A força da não violência**: um vínculo ético-político. São Paulo: Boitempo, 2021.

CABRERA, J. **De Hitchcock a Greenaway pela história da filosofia**: novas reflexões sobre cinema a filosofia. São Paulo: Nankin, 2007.

CAPRA, C. L. Artes visuais e educação em associações vinculantes na formação docente. In: LOPONTE, L. G.; MOSSI, C. P. (Eds.). **Arteversa**: arte, docência e outras invenções. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 73-89.

CHILVERS, I.; GLAVES-SMITH, J. **A dictionary of modern and contemporary art**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DANTO, A. C. **A transfiguração do lugar-comum**: uma filosofia da arte. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

DELEUZE, G. Controle e devir. In: DELEUZE, G.. **Conversações**: 1972-1995. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 209-218.

DUSSEL, E. **Siete ensayos de filosofía de la liberación**: hacia una fundamentación del giro decolonial. Madrid: Editorial Trotta, 2020.

ESCOBAR, A. **Designs for the pluriverse**: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds. Durham; London: Duke University Press, 2018.

ESPOSITO, R. **Bios**: biopolítica e filosofia. Lisboa: Edições 70, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Governo de si e dos outros**: curso dado no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité IV**: Lesaveux de la chair. Paris: Gallimard, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H.-G. **A atualidade do belo**: a arte como jogo, símbolo e festa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

GADAMER, H.-G. **Estética y hermenéutica**. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1998.

GADAMER, H.-G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCÉS, M. **Un mundo común**. Barcelona: Bellaterra, 2013.

GEORGE, T. Hermeneutic responsibility: Vattimo, Gadamer, and the impetus of interpretive engagement. **Duquesne Studies in Phenomenology**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://dsc.duq.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1003&context=dsp>. Acesso em: 20 maio 2023.

GROS, F. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HAN, B.-C. **La desaparición de los rituales**: una topología del presente. Barcelona: Herder, 2020.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2004.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012a. p. 125-141.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas; Petrópolis: Editora da Unicamp; Vozes, 2012b.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012c. p. 11-38.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, b. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

INGOLD, T. **Antropologia e/ou como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

JONES, A. (Ed.). **A Companion to Contemporary Art since 1945**. Oxford: Blackwell, 2006.

KUSSLER, L. M. Tradição e crítica da metodologia de ensino de Filosofia: filosofar com Role-Playing Game (RPG). **Anais do SEFIM**, v. 3, n. 6, p. 163-180, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gwQ35>. Acesso em: 20 maio 2023.

KUSSLER, L. M. Arquitetura hostil e hermenêutica ética. **Geograficidade**, v. 11, p. 16–25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29463/29564>. Acesso em: 20 maio. 2023.

KUSSLER, L. M.; LORENZ, B. A. Design como prática crítica e filosófica. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, v. 5, n. 1, p. 34-47, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/12304/10787>. Acesso em: 20 maio 2023.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MARCUSE, H. Repressive tolerance. In: MARCUSE, H.; WOLFF, R. P.; MOORE JR., B. (Eds.). **A critique of pure tolerance**. Boston: Beacon Press, 1969. p. 81-123.

MARCUSE, H. **La dimensión estética**: crítica de la ortodoxia marxista. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

MÉSZÁROS, I. **The necessity of social control**. New York: Monthly Review Press, 2015.

MILGRAM, S. **Obedience to authority**: an experimental view. London: Tavistock, 1974.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: Exo experimental org.; Ed. 34, 2005.

ROHDEN, L.; KUSSLER, L. M. Pressuposto ético da alteridade na hermenêutica filosófica à luz do Sofista de Platão. **Trans/Form/Ação**, v. 44, n. 3, p. 257-276, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/9195/9171>. Acesso em: 20 maio 2023.

SAMAIN, E. (Ed.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SCHMIDT, D. J. On the sources of ethical life. **Research in Phenomenology**, v. 42, n. 1, p. 35-48, 2012. Disponível em: https://brill.com/view/journals/rip/42/1/article-p35_3.xml. Acesso em: 20 maio 2023.

STALABRASS, J. **Contemporary art: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

VAN EIJK, G. Inclusion and exclusion through risk-based justice: analysing combinations of risk assessment from pretrial detention to release. **The British Journal of Criminology**, v. 60, n. 4, p. 1080-1097, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/bjc/azaa012>. Acesso em: 20 maio 2023.

VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. **The spread of true and false news online**. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 9 mar. 2018. Disponível em: [10.1126/science.aap9559](https://doi.org/10.1126/science.aap9559). Acesso em: 20 maio 2023.

WEBER, C. Brecht's concept of Gestus and the American performance tradition. In: MARTIN, C.; BIAL, H. (Eds.). **Brecht Sourcebook**. London; New York: Routledge, 2000. p. 41-46.

ŽIŽEK, S. **Demanding the impossible**. Cambridge: Indigo Book Company, 2013.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: Public Affairs, 2019.

Submissão: 16/06/2023

Aprovação: 10/11/2023